

Capa

Um dicionário dedicado ao corpo e um livro que trata da consciência corporal promovem o debate em torno das filosofias que defendem o papel político do homem como construtor do seu destino

**SOBRE O FÍSICO E O METAFÍSICO**

ANTONIO GONÇALVES FILHO

A noção de 'corpo glorioso' elaborada na Idade Média, que reflete a crença dos cristãos na ressurreição dos mortos, suscita perguntas que nem de longe passariam por mentes medievais, mas fazem sentido na sociedade contemporânea, laica e hedonista. Afinal, um corpo divino alimenta ao mesmo tempo uma especulação teológica e uma abordagem materialista. O corpo – visível, como o humano, ou invisível, como o de Cristo, precedente do corpo resuscitado – é um tema tão fascinante e abrangente que a filósofa e professora italiana Michela Marzano, identificada com o pensamento libertário de Michel Foucault, resolveu reunir 190 profissionais de diversas áreas para criar mais de três centenas de verbetes do seu *Dicionário do Corpo* (Jôla transita na página ao lado), lançamento da Loyola e Centro Universitário São Camilo. Simultaneamente, a editora E Realizações publica outro estudo, *Consciência Corporal*, do filósofo norte-americano Richard Shusterman, que, de certo modo, complementa o dicionário.

Shusterman, que falou ao *Substituto*, aborda em seu livro a obra de pensadores que

são verbetes do dicionário de Michela Marzano: Foucault e Merleau-Ponty. Além deles, o pensador analisa Wittgenstein, Simone de Beauvoir e dois filósofos pragmáticos do século 19 que se dedicaram a criar teorias sobre o corpo, William James e John Dewey. Shusterman, coobediado por suas contribuições à filosofia estética (ele teve seu *Vivendo a Arte* lançado pela Editora Jôla), cunhou o termo "somaestética", apropriando-se do conceito grego de corpo (*soma*) para criar essa subdisciplina filosófica. Com ela, Shusterman propõe uma nova concepção da estética a partir da experiência corporal – "sem as conotações negativas que corpo e carne têm em nossa tradição filosófica, ligada à depreciação cristã do corpo".

Shusterman, judeu secular que trabalhou para o serviço de inteligência de Israel nos anos 1970, diz que não se ocupa muito da religião, mas lembre, em plena Santa Santa, que o cristianismo "não faz o menor sentido sem o corpo". Seu argumento: "Como, então, explicar a encarnação de Cristo e seu sofrimento na cruz se for de outro modo?" Uma das possíveis respostas está no dicionário de Michela Marzano (os verbetes mais extensos são sobre o corpo de Cristo) ou no novo livro de Shusterman, que ele acaba de lançar pela Cambridge, *Thinking Through*

the Body: Essays in Somaesthetics. "Nele, não confino minha discussão sobre religião às três religiões abrahâmicas que emergiram do Oriente Médio (cristianismo, judaísmo e islamismo), até porque as religiões asiáticas foram mais importantes na formação de minha prática somaestética."

De fato, em *Consciência Corporal*, Shusterman invoca ideias confucionistas sobre o corpo e fala de seu treinamento com um mestre zen num mosteiro japonês, onde passou um ano fazendo pesquisas para escrever o livro. Ele defende que sua "somaestética" não deve ser confundida com a defesa hedonista do prazer corporal. "É um projeto que visa prioritariamente ao desenvolvimento de nossa percepção sensorial, valorizando o corpo como fonte de informação."

Filósofos – e Foucault foi exceção – não são propriamente atletas que pensam o corpo. A maioria, segundo Shusterman, segue a tradição idealista do século XIX, reforçada pelo credo cristão, "focado na alma imortal, e não no corpo mortal". Ele tampouco é fã do modelo terapêutico convencional, quase um substituto da religião. "Terapia vem da palavra grega cura, que implica a existência de uma doença que precisa ser curada, algo errado que precisa ser consertado." Seu *approach*, diz ele, é mais "positivo e enriquecedor".

DICIONÁRIO DO CORPO
Organização: Michela Marzano
Tradução: Lúcia Pereira de Souza, Maria Stela Gonçalves, Mariana Sette-Câmara da Cunha e Nicolai Nyimi Campanário
Editoras: Loyola/Centro Universitário São Camilo (1.098 págs., R\$ 230)

CONSCIÊNCIA CORPORAL
Autor: Richard Shusterman
Tradução: Pedro Sette-Câmara
Editora: E Realizações (352 págs., R\$ 88)

cinema o nascimento do homem tecnológico – meio carne, meio máquina – como o casal entediado do filme *Crazy* (*Estreitos Prazeres*, 1996), que se entrega a uma forma pervertida de sexualidade ligada à mutilação, após um acidente de automóvel. O diretor fala de uma mutação antropológica provocada pela obsessão doentia com o carro.

A filósofa Michela Marzano adora cinema. Dedicou outro verbete ao italiano Fellini, "o cinema da ambivalência humana". Seus personagens desmedidos, monstruosos, deformes, segundo a organizadora, não têm muito a ver com os irmãos de Tod Browning. Antes, essa disformidade "monica se inscreve em um estrito dualismo belo/feio", argumenta, concordando com o escritor Italo Calvino quando ele diz que o monstruoso, em Fellini, é recuperado pelo humano. Longe de ser uma simples caricatura, um "monstro" de Fellini "obriga-nos a ficar face a face com o homem em tudo o que ele tem de sublime e de bárbaro", conclui Calvino.

Essa palavra, barbárie, era muito cara ao também cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, outro verbete destinado à controvérsia, com o do filósofo Foucault. Curiosamente, o verbete "barbarie" precede o de "Barbie" no dicionário. Pasolini dita que o único sistema ideológico possível numa sociedade laica como a nossa seria o consumismo – e sua profeta, afinal, revelou-se verdadeira. Contra esse tipo de civilização agressiva, que faz do consumo seu deus, se justifica até uma nostalgia da barbárie primitiva, um "traço indesejável" do ser humano, segundo o verbete. Barbie, um ícone desses corpos modernos e sem alma – vítimas das plásticas, do botox e do silicone – transformou-se num bizarro tecnocorpo sem transcendência. Contra o conformismo da sociedade consumista que adorou a Barbie como modelo, Pasolini defendeu uma "política do corpo" semelhante ao "biopoder" de Foucault – e essa aproximação não escapa ao filósofo e professor René Schérer, irmão do cineasta Éric Rohmer, que assina o verbete sobre o diretor de *Torona*.

Schérer elege esse longa como o "mais gnóstico" dos filmes pasolinianos, por evocar um primeiro paraíso, onde o sexo acolhido seria não o da mãe, mas o do pai (bissexualizado, anterior da diferenciação sexual). Por política do corpo, entenda-se que esse credo um tanto herético – e Pasolini nunca negou ser um herege – não impediu que o cineasta italiano realizasse o mais belo dos filmes sobre a paixão de Cristo (*O Evangelho Segundo São Mateus*). Ou exaltasse o mito dionisíaco em *Molokai*. Foucault, igualmente, se insurgiu contra os poderes constituídos, que tiranizam o corpo, para formular sua ideia de um biopoder. "Ele mostrou que o corpo não é simplesmente um objeto que o sujeito tem ou usa, mas um elemento central na construção de nossa subjetividade – nós nos tornamos os sujeitos que somos pelo modo como nossos corpos são formatados, disciplinados, treinados e cultivados", diz Richard Shusterman na entrevista ao *Substituto*.

Ao defender o prazer carnal, diz Shusterman, Michel Foucault – que era homossexual – desafiou toda uma tradição intelectual no Ocidente ligada à ascética negação do corpo. No livro, Shusterman não deixa de observar que Foucault também ignorou algumas formas de prazeres somáticos que podem ser obtidas sem recorrer à violência ou à transgressão. Alguém alienado em relação ao corpo, completa, está propenso não apenas à decadência, mas impossibilitado de ajudar o próximo, se atingido por alguma doença. E o dicionário enumera uma série delas. Sem moralismo, como convém ao saber enciclopédico.

Autores não são partidários da isenção, defendendo suas opiniões com peso enciclopédico



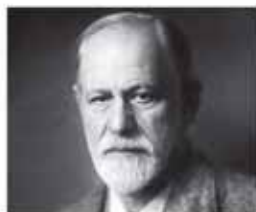
Idéias em diálogo. Obras de Michela Marzano e Richard Shusterman têm pontos em comum, como a discussão da sexualidade feminina, expressa, por exemplo, nas telas de Ingres (imagem no alto)

TRILCHOS - DICIONÁRIO DO CORPO

**Fellini, Federico**

"Seu cinema é sempre uma maneira de encarnar a desordem e a falta de forma da vida. Mas ao fazê-lo, Fellini nunca se afasta da realidade de seus

personagens e mantém um constante compromisso com o real. Ele não olha para seus heróis de um ponto de vista exterior e frio; ele sempre está junto com eles. Dai a facilidade com a qual ele permite que os espectadores vivam cada pulso e cada decepção, fazendo a 'queda' ser sentida tanto por aquele que a sofre como por aquele que a provoca. Dai, por fim, seu recurso constante ao mundo do circo como metáfora da própria existência humana."

**Freud, Sigmund**

"Seria preciso um longo percurso para dar conta do desenvolvimento freudiano, mas é suficientemente claro que esse caminho é incompatível com toda

espécie de oposição mente/corpo ou psique/soma. A partir da distinção *princeps* – percepção/traços mnésicos dessa percepção –, as oposições que Freud faz trabalhar nunca são mais que facetas de uma mesma realidade, que faz do corpo um vasto campo significativo. Isso vale para a pulsão, conceito-limite entre o psíquico e o biológico, ou para a angústia, presa entre os jogos complexos do afeto e da representação."

CONSCIÊNCIA CORPORAL



"Praticando o que pregava, Foucault (foto) testou os métodos que escolheu por meio da somaestética prática ao fazer experiências com a própria carne e com outros corpos vivos."